

A INFLUÊNCIA DO DINHEIRO NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Luciano Dias de Carvalho¹

Resumo: o objetivo do presente artigo é analisar cinco situações pelas quais o *dinheiro afeta permanentemente as variáveis reais da economia* tendo como referência a teoria monetária marxista. As situações aqui discutidas foram: (i) catalisação do *processo de circulação* via criação do dinheiro-crédito; (ii) diferenças nas alterações dos *preços* entre os diversos setores de produção; (iii) mudanças no *volume de dinheiro* introduzido no circuito do capital; (iv) desvio de parte da *demanda interna* para o exterior e (v) *fluxo irregular do dinheiro* para os diferentes setores que compõe o sistema capitalista. Em todas essas situações o dinheiro afeta permanentemente o modo de produção capitalista; demonstrando, assim, a sua não-neutralidade.

Palavras-Chave: Teoria Monetária Marxista; Modo de Produção Capitalista; Não-Neutralidade do Dinheiro.

Abstract: the objective of the article is to analyze five situations for which the money permanently affects the real variable of the economy, having as reference the marxist monetary theory. The situations argued here had been: (i) acceleration of the circulation process saw creation of the money-credit; (ii) differences in the alterations of the prices between the diverse sectors of production; (iii) money changes by quantity introduced in the circuit of the capital; (iv) shunting line of part of the internal demand for the exterior and (v) irregular flow of the money for the different sectors that the capitalist system composes. In all these situations the money affects the capitalist mode of production permanently; demonstrating its non neutrality.

Key-Word: Marxist monetary theory; capitalist mode of production; non neutrality of the money.

JEL: B14; E41; E44.

1. Introdução

Uma questão fundamental e ainda não plenamente resolvida dentro da teoria macroeconômica em geral, diz respeito ao papel que o dinheiro desempenha na determinação da dinâmica de longo prazo do modo de

¹ Professor Adjunto do Departamento de Economia da Universidade Federal de Viçosa – UFV. E-mail: Luciano.carvalho@ufv.br

Recebido em 11/03/2010. Liberado para publicação em 25/07/2010.

produção capitalista. De um lado, tem-se o predomínio da visão ortodoxa, para a qual o dinheiro exerce um papel coadjuvante na evolução do sistema capitalista, sendo apenas o numerário pelo qual o valor dos bens é denotado, porém, em nada afetando a estrutura real da economia. De outro, tem-se a visão heterodoxa, na qual o dinheiro exerce um papel central no funcionamento do sistema econômico, sendo capaz de afetar, tanto no curto quanto no longo prazo, as principais variáveis reais da economia.

Embora seja de amplo conhecimento que Marx não elaborou de forma sistemática uma teoria monetária, ele apresentou em seus trabalhos elementos mais do que suficientes para servirem de base na construção de uma teoria que explique a atual organização do sistema capitalista. Sendo assim, nas últimas décadas, um grupo crescente de economistas, inspirados nos trabalhos de Marx, vêm buscando desenvolver uma teoria monetária marxista. Com o propósito de entender as transformações que a economia capitalista vem sofrendo de forma acentuada nos últimos tempos.

Seguindo essa linha, o presente ensaio tem como objetivo analisar cinco situações pelas quais *o dinheiro afeta de forma permanente o modo de produção capitalista*. Mais precisamente, às situações aqui tratadas podem ser assim sumarizadas: (i) catalisação do processo de circulação via criação do dinheiro-crédito; (ii) aumento diferenciado dos preços entre os setores de produção; (iii) mudanças no volume de dinheiro introduzido no circuito do capital; (iv) desvio de parte da demanda interna para o exterior e (v) fluxo diferenciado e inconstante do dinheiro para os diferentes setores.

Será mostrado também ao longo do texto, que a Teoria Monetária Marxista é de fato bastante consistente para a compreensão do capitalismo contemporâneo, por quanto é capaz de descrever em profundidade o desenvolvimento da economia capitalista desde a sua formação até os nossos dias. Ademais, será assinalado que o dinheiro não só é o objetivo maior de todo o processo de acumulação, mas também um pré-requisito para o seu pleno desenvolvimento. E mais, que qualquer acontecimento econômico capaz de modificar a disponibilidade de dinheiro ou de afetar a forma pela qual ele permeia a estrutura produtiva, tem consequências permanentes e irreversíveis sobre toda a produção. Condicionando dessa forma, o ritmo e a direção pela qual o sistema capitalista evolui.

Dito isso, o artigo está estruturado em seis seções incluindo essa breve introdução. Na seção 2 é apresentado o conceito de dinheiro em Marx. Na seção 3, discutem-se as diferentes formas ou funções que o dinheiro assume ao longo do desenvolvimento do capitalismo. Em seguida, na seção 4,

discorre-se sobre a natureza monetária da economia capitalista. Na seção 5, analisa-se às diferentes situações pelas quais o dinheiro influencia esse modo de produção. Por fim, na seção 6, são sumarizadas as principais conclusões do trabalho.

2. A Gênese e o Conceito de Dinheiro em Marx

O ponto inicial para a conceituação do dinheiro dentro da Teoria Monetária Marxista se dá com a compreensão dos motivos pelos quais o dinheiro surge no âmago do modo de produção capitalista. Isto porque a gênese do dinheiro não é, de forma alguma, um evento fortuito e isolado dentro do quadro mais amplo da formação do sistema capitalista. Muito pelo contrário, o dinheiro é uma pré-condição tanto para o surgimento quanto para o pleno desenvolvimento da produção capitalista.

Por isso, a Teoria Monetária Marxista rejeita a concepção do dinheiro como um mero instrumento facilitador de trocas, criado de forma exógena e *ex post* ao surgimento do capitalismo. Enfatizando, em seu lugar, a natureza monetária da produção capitalista e a interdependência existente entre o dinheiro e a mercadoria, no qual a existência de um é causa e efeito da existência do outro.

Marx inicia sua análise a partir da constatação que toda e qualquer mercadoria possui uma dupla natureza, possuindo ao mesmo tempo um valor de uso e um valor de troca. No entanto, em economias baseadas no escambo essa dupla natureza da mercadoria não se manifesta, visto que as duas formas de valor são idênticas. Nas palavras de Marx:

Na troca direta de produtos, cada mercadoria é para seu possuidor meio de troca, para seu não-possuidor, equivalente, mas só enquanto for, para ele, valor de uso (...) não adquire ainda nenhuma forma de valor desligada independente de seu próprio valor de uso ou da necessidade individual do permutante. (Marx, 1983, p. 98)

Na medida em que o modo de produção capitalista vai se desenvolvendo, os produtores passam a depender cada vez mais dos demais produtores para a satisfação das suas necessidades. Nesse contexto, se inicia a distinção entre as duas formas de valor. Enquanto o valor de uso existe por se só, sendo a manifestação da materialidade da mercadoria, o valor de troca precisa ser sancionado socialmente. Desse modo, a “*ampliação e*

aprofundamento históricos da troca desenvolvem a antítese entre valor de uso e valor latente na natureza da mercadoria". (Marx, 1983, p. 81)

O dinheiro surge, assim, como uma necessidade para a efetivação de trocas numa economia cuja produção e circulação das mercadorias se dão de forma descentralizada. Ele é o meio pelo qual se desfaz a contradição privado-social, abrindo espaço para que o modo de produção capitalista assuma características cada vez mais complexas e interdependentes. Isto porque a existência do dinheiro "*resolve a contradição interna das mercadorias entre valor de uso e valor de troca*". (Corazza, 2002a)

No entanto, essa contradição não é desfeita por qualquer mercadoria. Para que uma mercadoria sofra essa metamorfose e assuma o papel de dinheiro, é preciso que ela seja socialmente aceita como uma expressão do valor geral. E uma mercadoria só assume tal expressão porque, ao mesmo tempo,

Todas as outras mercadorias expressam seus valores no mesmo equivalente, e cada espécie de mercadoria que se apresente deve fazer o mesmo. Além disso, torna-se evidente que as mercadorias, que são coisas puramente sociais do ponto de vista do valor, não podem também exprimir esta existência social, a não ser por uma série abrangendo todas as suas relações recíprocas; sua forma deve conseqüentemente, ser uma forma socialmente válida. (Marx, 1983, p. 79)

Assim, a condição necessária e suficiente para que uma determinada mercadoria assuma o papel de equivalente geral é que esta mercadoria seja validada socialmente. Ou seja, é preciso que a sociedade como um todo reconheça nessa mercadoria o papel de equivalente geral. E ao assim fazê-lo, permita a um indivíduo abrir mão da posse de certa quantidade de valor, em troca da promessa de poder adquirir uma nova mercadoria com o mesmo valor de troca, porém agora com um valor de uso diferente.

Historicamente um grande número de mercadorias assumiu o papel de equivalente geral. No entanto, com o passar do tempo, os metais, devido a sua grande maleabilidade e durabilidade, passaram pouco a pouco a serem aceitos e, por isso, utilizados, como equivalente geral. E, dentre esses metais, as condições geológicas e físico-químicas especiais do ouro, fez deste o equivalente geral por excelência. Aceito como dinheiro por quase todos os povos do mundo.

Desse modo, a gênese do dinheiro se deu como forma de resolver a contradição privado-social. Para isso, foi necessário que uma mercadoria assumisse o papel de equivalente geral e, devido as suas características naturais, o ouro acabou se tornando o equivalente geral por excelência, uma vez que era reconhecido por todos como a mais pura forma de valor.

No entanto, o desenvolvimento do ouro como equivalente geral não pode ser compreendido sem se levar em consideração o contexto pelo qual essa metamorfose se deu. O ouro só se colocou na condição de dinheiro devido a condicionantes históricos. E só se manteve nessa função, enquanto meios mais eficientes para representar o valor não estivessem disponíveis². Isto porque, sob a perspectiva da desmaterialização do dinheiro, este não é meramente o símbolo do valor, mas sim, o próprio valor desincorporado de qualquer materialidade³.

Nesse sentido Corazza (1998) ressalta que:

“O dinheiro, sendo uma pura forma de valor, não necessita ter valor próprio; o dinheiro-mercadoria possuía valor intrínseco, porque era também uma mercadoria, mas o dinheiro-mercadoria não é o dinheiro enquanto tal, mas apenas uma espécie particular e histórica assumida pela forma dinheiro. Quando Marx fala que dinheiro é mercadoria, sempre acrescenta o termo ‘específica’, ‘geral’, ‘universal’, ‘imperecível’, ‘absoluta’, querendo acentuar, não seu caráter material, mas sua função de ser forma do valor”.

No modo de produção capitalista, o valor surge como fruto do trabalho humano incorporado nas mercadorias. Contudo, *“a forma mercadoria do valor, sua forma natural de existência, é a menos apropriada para permitir desenvolver sua natureza social e abstrata”* (Corazza, 2002a). E devido a

² Na verdade, não existe um consenso entre os teóricos marxistas com relação ao conceito do dinheiro. Enquanto para alguns economistas o dinheiro não pode, em hipótese alguma, ser desvinculado da sua natureza como mercadoria, pois supor que algo que não possui valor sirva de medida de valor é *“o mesmo que admitir que um objeto que não possui peso possa servir como padrão de medida do peso”* (Germer, 1997, p. 122). Para outros, a teoria de Marx não só contempla *“a perspectiva do dinheiro como forma do valor”* como a considera o elemento central da sua concepção do dinheiro (Corazza, 2002b).

³ *“O dinheiro é essencialmente forma, ele possui uma ‘essência formal’ e não uma ‘essência material’. E a forma, enquanto forma, em si mesma, enquanto tal, nada tem de material”.* (Corazza, 2002b)

isto, o dinheiro é criado como forma de libertar o valor da sua prisão material⁴. Permitindo dessa forma, o aprofundamento da contradição privado-social; condicionante fundamental para o desenvolvimento do sistema capitalista.

Assim, uma vez que o dinheiro é essencialmente forma de valor, ele sofre contínuas transformações com o propósito de se adequar da melhor maneira possível às mudanças contínuas da economia capitalista. De fato, a experiência histórica nos mostra que ao longo do desenvolvimento do sistema capitalista o dinheiro se modificou em diferentes formas, sempre na direção de formas cada vez mais abstratas e imateriais⁵.

Nesse sentido, a partir do desenvolvimento da forma monetária do valor, o dinheiro tomou a forma creditícia, passando posteriormente para a forma financeira, até atingir a sua forma fictícia atual. A compreensão da maneira pelas quais esses conceitos básicos se articulam e se transformam, fornece elementos para desenvolver uma Teoria Monetária Marxista que, a nosso ver, permite iluminar questões importantes para a compreensão da atual fase do sistema capitalista.

3. As Diferentes Formas (Funções) do Dinheiro

Sob a hipótese da desmaterialização do dinheiro, isto é, do dinheiro como pura forma de valor em boa parte desincorporado da mercadoria (mas não do trabalho, fonte de todo o valor), é possível compreender os fatores causais que provocou as diversas transformações pelas quais o dinheiro passou desde a sua gênese, como dinheiro-mercadoria, até os dias atuais.

Como já foi visto na seção anterior, as funções primitivas do dinheiro são: a de servir como meio de troca, de medida de valor, de entesouramento e

⁴ Contudo, isto não quer dizer que o dinheiro possa ser concebido sem se levar em consideração a sua natureza concreta. Não importa a forma pela qual ele se manifeste na sociedade capitalista; como expressão de valor, o dinheiro sempre estará vinculado ao trabalho, pois este é o único meio que se cria valor.

⁵ De acordo com Corazza (2002b) e, baseando-se em Marx, “o processo de gênese do dinheiro é um processo de gênese de formas do valor, a forma simples, a forma relativa, a forma equivalente geral, até a forma dinheiro. Trata-se de encontrar a forma mais adequada de existência do valor. Na mercadoria, ele se encontra disfarçado de valor de uso particular, o que não combina com sua natureza social abstrata. (...) O que deve ficar claro é que a forma dinheiro do valor, por ser forma, deve assumir uma expressão material, não importa qual dos seus exemplos históricos, como o sal, gado, tabaco, ouro, ou um dos seus signos modernos, bilhete de papel, lançamento contábil ou um simples impulso eletrônico”.

de pagamento. Contudo, sua tendência “*é deixar de ser moeda, meio de relacionar mercadorias e voltar-se a uma relação consigo mesmo, para assumir uma identidade e uma determinação próprias, para ser capital e transformar-se em sujeito das trocas*” (Corazza, 2002a).

Ademais, enquanto meio de relacionar mercadorias, o dinheiro se encontra restringido no circuito do rendimento e, enquanto sujeito das trocas, passa a percorrer um outro circuito, o do capital. Dessa forma, no circuito do rendimento o dinheiro exerce primeiramente a função de meio de circulação e, só secundariamente, a função de meio de pagamento. Porém, no circuito do capital as funções se invertem, e o dinheiro, na forma de capital-dinheiro, assume diferentes formas na sua função de dinheiro de crédito (Maldonado Filho, 1998).

Assim, uma maneira de categorizar a evolução do dinheiro em direção a formas cada vez mais imateriais, pode ser realizada através da análise da forma (função) que ele tomou (exerceu) dentro do sistema capitalista. Por esse meio, percebe-se que o dinheiro assumiu como função principal, basicamente quatro formas (funções) ao longo do desenvolvimento do modo de produção capitalista. Da sua forma primária, a do dinheiro-mercadoria, ele se tornou dinheiro-crédito, assumindo posteriormente a forma de capital-financeiro e chegando, por fim, a sua forma atual de dinheiro-fictício.

A primeira forma do dinheiro, o dinheiro-mercadoria, surgiu com a função de exercer o papel de equivalente geral. Marx apresenta essa questão no primeiro capítulo do livro um de *O Capital* através do confronto entre duas mercadorias: “*20 varas de linho = 1 casaco*”. Por esse meio ele demonstra que o surgimento do dinheiro-mercadoria nada mais é do que uma consequência do exercício da troca, uma forma de superação da prática do escambo.

Para que o dinheiro seja o elo entre duas mercadorias com valores de uso diferentes é de grande conveniência que ele também assuma a função de medida de valor. E ele só consegue assumir essa função, porque ele próprio possui valor. Seja diretamente, como uma mercadoria, seja indiretamente, como a representação do valor trabalho⁶.

⁶ Todavia, para que o dinheiro desempenhe a bom modo essa função, é preciso que se defina um padrão monetário que sirva como uma unidade de medida para o dinheiro. Como a definição do padrão monetário nada tem a ver com a essência do dinheiro, ele é definido arbitrariamente por meio de lei. (Maldonado Filho, 1998).

Uma vez definida a medida de valor, os preços de venda das mercadorias passam a ser estabelecidos em termos da medida adotada e o dinheiro passa a atuar como instrumento para facilitar as vendas. Desse modo, a circulação passa a ser descrita em termos de $M_1 - D - M_2$, isto é, a partir da venda prévia da mercadoria M_1 (com um particular valor de uso) o indivíduo adquire dinheiro, D , que lhe permite, em uma fase posterior, adquirir uma nova mercadoria M_2 (com um valor de uso distinto do anterior)⁷.

O desenvolvimento e a ampliação do processo de circulação das mercadorias evoluem a tal ponto que o dinheiro-mercadoria se revela incapaz de exercer eficientemente a função de meio de circulação. Nesse momento, o papel moeda de curso forçado é introduzido no sistema, com o objetivo de acompanhar adequadamente a evolução do processo de circulação. Porém, o papel moeda não é uma mercadoria e por isso não possui valor de uso. Tal fato o impossibilita de ser usado como meio de entesouramento, restringindo o seu uso apenas a esfera da circulação. Uma vez que o papel moeda é introduzido no sistema, ocorre uma catalisação do processo de circulação causando o surgimento da relação de crédito entre compradores e vendedores. Assim, o comprador adquire a mercadoria do vendedor e, em troca, oferece a este um título, com o direito de receber no futuro o valor, em dinheiro, da compra realizada. Dessa forma, em termos práticos, o dinheiro aparece agora para o vendedor como uma quitação de dívida e não mais como o resultado da venda de uma mercadoria. Embora o fator gerador da dívida tenha sido a venda da mercadoria.

Nesse sentido Marx (1983, p. 117) afirma:

“O dinheiro de crédito origina-se da função do dinheiro como meio de pagamento, já que são colocados em circulação os próprios certificados de dívida, para transferir os respectivos créditos. Por outro lado, ao estender-se o sistema de crédito, estende-se a função do dinheiro como meio de pagamento. Enquanto tal recebe forma própria de existência, na qual ocupa a esfera das grandes transações comerciais, enquanto as moedas de ouro e prata ficam confinadas à esfera do varejo.”

A ampliação da forma do dinheiro de crédito tem duas grandes implicações no modo de produção capitalista. Em primeiro lugar, meios de pagamento, tais como títulos, substituem o dinheiro-mercadoria no processo

⁷ Aqui estamos tratando da circulação simples, da “conversão de mercadoria em dinheiro e reconversão de dinheiro em mercadoria, vender para comprar” (Marx, 1998, pp.177-78).

de comercialização. Em segundo, o predomínio da função de meio de pagamento sobre os meios de trocas, aprimora por um lado o processo de circulação, mas, por outro, cria a necessidade da construção de mecanismos institucionais que regulem e dê respaldo ao seu caráter fiduciário, como por exemplo, pela instituição de um Banco Central.⁸

A natureza privada do dinheiro de crédito permite que ele se acomode aos condicionantes do sistema produtivo. Uma vez que o crédito é criado como consequência dos ditames da produção. Ademais, de uma forma geral, não há excesso de emissão de crédito, pois ao contrário do dinheiro-mercadoria ou do papel moeda que tendem a se afastar da sua fonte geradora, o crédito esta sujeito à Lei do Refluxo.

Como se sabe, a Lei do Refluxo propugnada pela *Banking School*, afirma que o dinheiro de crédito tende a voltar para as mãos da sua fonte geradora, no caso, os bancos privados. Visto que o dinheiro de crédito se cria, quando da concessão de um empréstimo, mas também se destrói, quando do pagamento das dívidas. Nesse sentido, não existe de uma forma em geral excesso de crédito; seja porque o seu surgimento só se dá com o objetivo de atender a uma demanda preestabelecida, seja pelo fato da sua introdução no sistema ser temporária, visto que posteriormente será retirada por meio da quitação da dívida contraída.

O desenvolvimento do dinheiro de crédito e do sistema capitalista como um todo, provocou a mutação do dinheiro para uma nova forma, a forma do dinheiro-financeiro. Esta forma caracteriza-se por ser a fusão do capital bancário com o capital industrial. Ela nasce como fruto do desenvolvimento da sociedade anônima, agregando e englobando assim, todas as demais formas do capital.⁹

Com efeito, o capital financeiro representa a comunhão de interesses existentes entre os capitalistas financeiros e industriais, na busca pela intensificação do processo de acumulação. Tal intensificação, ocorre por meio da melhor alocação de recursos inter-setoriais, que estão em busca de empreendimentos com melhores taxas de retorno. Nesse sentido, o capital bancário surge como o meio pelo qual se mobiliza, e se disponibiliza, todo o capital excedente gerado pelo sistema. Com a finalidade de fornecê-lo aos empresários industriais com maiores capacidades de ganho e, portanto, de multiplicação da riqueza existente (Tavares, 1976).

⁸ Para maiores detalhes ver, dentre outros, Lapavistas (1991) e Corazza (2002a).

⁹ Ver Hilferding (1985).

Contudo, a simbiose existente entre os capitais bancários e industriais não se dá de forma equânime. De fato, a lógica do dinheiro-financeiro é a da preponderância do capital bancário sobre o capital industrial. Nesse sentido, Corazza (2002a) afirma que:

[O] capital financeiro se define e atua não como mais uma forma particular do capital ao lado de outras, mas como o capital enquanto processo que percorre, articula e domina as demais formas particulares do capital, sem se fixar em nenhuma delas em particular, mas impondo sua forma e sua lógica gerais de valorização a todas as formas particulares e específicas do capital.

A quarta e última forma que o dinheiro assume dentro do sistema capitalista, é a forma do dinheiro-fictício. Nela o dinheiro gera dinheiro sem que para isso se requeira diretamente a utilização da força de trabalho, única fonte que de fato gera valor. Assim, o dinheiro na sua forma fictícia assume um contorno ilusório, de aparência sem essência.

Aparentemente o dinheiro-fictício é capital, pois gera um retorno ao seu possuidor, mas em sua essência não o é, visto que o retorno gerado não advém do trabalho. Nas palavras de Germer (1995, p. 154), “[o] capital fictício coincide com o conceito de capital na medida que produz um fluxo de rendimento, mas é um falso capital porque este rendimento não deriva da sua função produtiva”. Ou seja, a natureza ilusória do dinheiro-fictício nasce do fato de ele possuir valor, quando na realidade este valor ainda não foi gerado.

As ações e os títulos públicos podem ser vistos como formas de dinheiro-fictício, embora nem sempre esses ativos assumam essa forma. Os títulos públicos, em particular, é um bom exemplo de dinheiro-fictício, pois não têm vínculo direto com a produção, mas sim, com um rendimento futuro baseado na taxa de juros corrente.

Germer (1995, p. 155) sintetiza esse ponto da seguinte forma:

Daí resulta que o ‘valor’ do capital fictício é estimado através da capitalização do rendimento a ser obtido, com base na taxa de juros, ou seja, é o valor-capital imaginário que, à taxa de juros vigente, geraria o rendimento dado. O processo é o inverso do que ocorre com o capital real: ao invés do rendimento ser deduzido do capital, é este que é deduzido do rendimento.

Em resumo, o dinheiro-fictício não necessita para a determinação do seu valor, ter uma correspondência direta com o capital real. Ele retira seu valor da “*sua relação com um possível valor futuro ainda não existente*”. Que no caso das ações e dos títulos públicos, provavelmente decorrerão, respectivamente, dos dividendos e dos impostos (Corazza, 2002a).

4. A Natureza Monetária do Sistema Capitalista

Uma das características marcantes da Teoria Marxista é sua rejeição da dicotomia clássica e a percepção do caráter essencialmente monetário do sistema capitalista. De fato, para Marx, o modo de produção capitalista não visa à produção de mercadorias com determinados valores de uso; mas sim, a criação do valor. Portanto, a produção nada mais é do que um processo necessário na geração e ampliação da riqueza. Contudo, a geração da riqueza não consiste no acúmulo de capital, mas no acúmulo de dinheiro, a mais geral, abstrata e privilegiada forma do valor.¹⁰

Em uma economia descentralizada, estruturada com base na divisão do trabalho, os indivíduos perdem a auto-suficiência e passam a depender do mercado para a satisfação das suas necessidades¹¹. Com efeito, eles produzem visando a atender às necessidades mercantis, com o claro objetivo de substituir a mercadoria em sua posse - com valor de uso restrito - em troca do dinheiro, capaz de lhe dar acesso a uma ampla gama de mercadorias, com diferentes valores de uso.

Ou nas palavras de Marx (1983, p. 201):

*A divisão social do trabalho (no modo de produção capitalista)
faz com que a natureza de seu trabalho seja tão limitada quanto*

¹⁰ Nas palavras de Corazza (1998): “*Existir como dinheiro, valorizar-se como dinheiro e não como mercadoria, não é um desvio, uma distorção, mas expressão da natureza do valor, enquanto riqueza abstrata*”.

¹¹ De acordo com Marx (1968, p. 29) *apud* Mollo (1993, p. 64): “*1° - Não há troca sem divisão do trabalho. 2° - A troca privada implica uma produção privada. 3° - A intensidade da troca, assim como sua extensão e estrutura, são determinadas pelo desenvolvimento e organização da produção. Assim, a produção engloba e determina diretamente a troca sob todas as suas formas*”.

suas necessidades são variadas. Esta é precisamente a razão por que o produto do seu trabalho lhe serve somente como valor de troca. Mas ele não pode adquirir validade social universal como uma forma equivalente senão se convertido em moeda.

Nesse sentido, só há significado para a existência da produção se esta for colocada à venda em troca de dinheiro que, por sua vez, será utilizado em situações normais para a compra de outra mercadoria. Assim, o processo de circulação é intrinsecamente monetário. Seja na forma simples da circulação $M_1 - D - M_2$, na qual o indivíduo vende uma mercadoria específica $M_1 - D$ para, numa etapa posterior, comprar uma nova mercadoria $D - M_2$. Seja na sua forma ampliada $D - M - D'$, onde $D' = D + \Delta D$,¹² na qual o circuito começa com a compra de uma mercadoria $D - M$ e termina com a sua venda $M - D'$. O dinheiro é um elemento central na circulação.

O processo completo da circulação ocorre da seguinte forma:

$D - M \left\langle \begin{matrix} FT \\ MP \end{matrix} \right. \dots P \dots M' - D'$. Isto é, por meio de dinheiro D se compra

mercadorias M , que consiste na soma da força de trabalho FT e dos meios de produção MP .¹³ A utilização desses dois insumos no processo de produção P cria um excedente M' ($M' > M$) que, uma vez validado socialmente, através de sua comercialização, gera mais valor D' ($D' > D$).

Deste modo, o que o capitalista de fato busca é a ampliação do capital monetário em seu poder. Isto é, o seu objetivo último é que dinheiro gere mais dinheiro ($D - D'$). No entanto, somente dentro do processo de produção, quando ocorre a união entre os meios de produção e a força de trabalho, que o valor é criado. Desse modo, o processo de produção é apenas um elo necessário para a valorização do dinheiro-capital. Um elo importante, pois só através dele se gera valor. Mas apenas um elo, na lógica maior da acumulação.

¹² Onde ΔD é a mais-valia.

¹³ Em termos rigorosos, o que de fato o capitalista adquire não é à força de trabalho FT , mas sim o trabalho T .

Em resumo, o dinheiro inicia e completa o processo de circulação de tal forma que não se pode conceber esse processo, sem que se leve em consideração à existência do dinheiro. E é justamente por isso, que o sistema capitalista é percebido como sendo intrinsecamente monetário, uma vez que toda lógica da sua existência decorre da busca pela posse de dinheiro, a forma mais geral e livre do capital.

A natureza monetária do sistema capitalista se revela não só pelo dinheiro ser o objetivo último da produção. Mas, também, pela necessidade do produtor em ter, sob seu controle, certa quantia de dinheiro para realizar pagamentos rotineiros ao processo de produção. Com efeito, a circulação do capital industrial requer a constituição de basicamente quatro fundos de capital-dinheiro, são eles: (i) fundos de compra e pagamentos; (ii) fundos de amortização; (iii) lucros retidos e (iv) capital adicional.¹⁴

O primeiro desses fundos, o de (i) compra e pagamentos, é constituído visando atingir dois objetivos, por um lado, o de permitir ao produtor comprar à vista os insumos necessários à sua produção, e, por outro, como consequência da venda de mercadorias a vista e do pagamento de vendas anteriores. O segundo fundo, os (ii) fundos de amortização, visa o pagamento dos empréstimos e da compra a prazo realizada em períodos anteriores. O terceiro fundo, o oriundo dos (iii) lucros retidos, consiste na parcela da mais-valia que, devido aos condicionantes de natureza técnica existente no processo produtivo, ainda não alcançou volume suficiente para ser reinvestido na produção. Assim como, pela simples defasagem temporal entre o recebimento do dinheiro, após a venda da mercadoria, e a sua transferência para os bancos privados. O quarto e último fundo, o do (iv) capital adicional, consiste na porção do capital total necessário para a manutenção do processo produtivo, enquanto o circuito do capital dinheiro não se completa.

Nesse contexto, se revela a natureza monetária do sistema capitalista. O dinheiro é o objetivo maior de todo o processo de produção, pois permite que os indivíduos tenham acesso facilitado às demais mercadorias, além das que já estão sob sua posse. Ampliando assim, o seu acesso a diferentes valores-de-uso.

Ademais, o próprio processo de produção requer para o seu pleno funcionamento, certo entesouramento do dinheiro. Sendo assim, o dinheiro surge e se fixa como o meio e o fim de toda a produção capitalista.

¹⁴ Este e o próximo parágrafo baseiam-se em Maldonado Filho (1998).

Consistindo por isso, em um dos determinantes centrais para o comportamento de curto e longo prazo de todo o sistema.

5. A Não-neutralidade do Dinheiro no Modo de Produção Capitalista

A forma pela qual a Teoria Marxista concebe a natureza do modo de produção capitalista e a conseqüente importância atribuída ao dinheiro nas engrenagens internas do sistema, gera algumas implicações importantes com relação à influência do dinheiro na produção capitalista. Ao contrário do que prega a ortodoxia, no qual o dinheiro é apenas um “véu” que encobre sem afetar o modo de produção capitalista, o dinheiro dentro da Teoria Marxista joga um papel fundamental, tanto para o funcionamento de curto prazo do sistema econômico, como para a sua evolução ao longo do tempo.

Apesar da aparente similaridade entre a concepção do dinheiro presente na Teoria Monetária Marxista e a concepção ortodoxa consubstanciada na Teoria Quantitativa da Moeda (TQM), existem de fato grandes divergências entre elas, visto que a Teoria Marxista contesta *todos* os pressupostos que sustentam a TQM. Como se sabe a TQM se fundamenta em basicamente quatro princípios fundamentais. Tais axiomas podem ser definidos como segue: o da (i) Velocidade de Circulação da Moeda; (ii) Neutralidade da Moeda; (iii) Exogeneidade da Moeda; (iv) Causalidade de $MV \Rightarrow PY$.

De forma resumida o primeiro axioma, o da (i) Velocidade de Circulação da Moeda, afirma que a sua velocidade de circulação é constante e previsível, uma vez que os indivíduos se recusam a reter moeda por ser esta prática irracional¹⁵. O segundo axioma, o da (ii) Neutralidade da Moeda, consiste na suposição que o produto real é influenciado apenas por fatores reais, tais como, a quantidade de capital e trabalho, do nível tecnológico e da preferência dos indivíduos. Sendo assim, como pelo axioma (i) a velocidade de circulação da moeda é estável e conhecida, então o aumento da quantidade de moeda tem impacto apenas sobre os níveis de preços, em nada afetando o produto real.

O terceiro axioma, o da (iii) Exogeneidade da Moeda, assevera que a Autoridade Monetária tem total controle sobre a quantidade de moeda existente no sistema, uma vez que ela possui o monopólio da sua produção e

¹⁵ É visto como irracional o entesouramento de moeda, pois a sua posse não gera nenhum retorno pecuniário.

emissão. Por fim, o quarto e último axioma, o da (iv) Causalidade de $MV \Rightarrow PY$, é apenas uma consequência lógica dos axiomas (i) e (iii). Isto porque, sendo o produto determinado por fatores reais e como tanto a quantidade de moeda, quanto a sua velocidade é exógena ao modelo, então variações em MV afetam o produto nominal, $P\bar{Y}$, via alterações nos níveis de preços.

Contra essa visão, a Teoria Monetária Marxista argumenta que a velocidade de circulação da moeda não é constante e muito menos previsível, uma vez que o entesouramento é um comportamento perfeitamente natural numa situação na qual o dinheiro, por ser uma mercadoria, preserva valor, e na qual a produção se dá de forma descentralizada. Com efeito, toda mercadoria necessita ser validada socialmente; com a exceção do dinheiro, que por ser o equivalente geral, já se encontra na forma mais geral e abstrata possível. Daí a racionalidade do seu entesouramento.

Ademais, a moeda é concebida como sendo não-neutra, uma vez que o dinheiro-crédito serve como catalisador da produção capitalista. Mais especificamente, a existência do dinheiro-crédito na economia capitalista acelera o processo de circulação. Provocando, com efeito, a expansão da produção e do processo de acumulação do capital.

Outro importante ponto diz respeito ao fato do dinheiro não ser concebido como exógeno ao sistema. De fato, para a Teoria Monetária Marxista o dinheiro é endógeno por causa do controle exercido pelos indivíduos sobre a atividade de crédito. Assim como, pelo seu hábito de entesourar dinheiro sob certas circunstâncias. Esse controle dos indivíduos sobre as decisões de crédito e entesouramento, gera o que poderíamos definir como movimentos de “sístole” e “diástole” sobre a quantidade de dinheiro. Regulando desse modo, tanto a intensidade de circulação das mercadorias, quanto o processo de reprodução geral. Não podendo, assim, o dinheiro ser neutro; visto que a sua quantidade afeta a forma e a intensidade da acumulação de capital.

Finalmente, para a Teoria Monetária Marxista a causalidade entre moeda e produto nominal é de fato inversa àquela propugnada pela TQM. Para Marx e os marxistas, os preços das mercadorias correspondem ao valor médio do trabalho necessário para a sua produção. A quantidade de dinheiro, assim, se ajusta aos preços por meio dos movimentos de “sístole” e “diástole” acima referidos, como também, pelos movimentos causados por alterações no produto real.

Nesse contexto, a visão da influência do dinheiro sobre o modo de produção capitalista apresenta características peculiares quando se olha sob a ótica da Teoria Marxista. Talvez, a mais fundamental característica que se desprende dessa visão, são as formas pelas quais o dinheiro influencia o sistema produtivo.

De fato, é possível enumerar algumas situações pelas quais o dinheiro afeta de forma permanente o modo de produção capitalista. Manifestando, assim, a sua não-neutralidade. Tais situações ocorrem através da “quebra” em qualquer um dos cinco elos que formam o circuito da reprodução, como mostrado pelo organograma abaixo¹⁶.

$$D^* - D - M \langle \frac{MP}{FT} \dots P \dots M^I - D^I - D^{**}$$

Com efeito, se ocorrer entesouramento excessivo de dinheiro, “vazamento monetário”, em qualquer ponto do circuito de reprodução, haverá impactos permanentes sobre a estrutura do sistema. Uma vez que, sem a quantidade adequada de dinheiro não há como todos os produtores validarem socialmente a sua produção ou, até mesmo, de produzir às mercadorias na quantidade e velocidade requeridas para o pleno funcionamento do sistema econômico.

Com relação ao dinheiro-crédito, o seu desenvolvimento como vimos constitui numa pré-condição para o pleno desenvolvimento do sistema capitalista. Ademais, o seu surgimento abre um novo canal de influência do dinheiro sobre o sistema produtivo, através dos efeitos da sua presença sobre o ritmo e a composição da acumulação de capital.

O acesso de dinheiro extra, proveniente do dinheiro-crédito, permite a intensificação da acumulação de capital por parte dos capitalistas industriais. Isto é possível porque, em face do empréstimo adquirido, o capitalista passa a ter em sua posse uma quantia de capital maior do que a acumulada por ele, via lucros retidos, em operações passadas. Com efeito, é possível que o capitalista amplie a sua capacidade de produção comprando novas e mais eficientes máquinas, como também contratando uma maior parcela da força de trabalho.

¹⁶ Onde D^* : oferta de crédito; $(D - M \langle \frac{MP}{FT} \rangle)$: compra de insumos; $(M \langle \frac{MP}{FT} \dots P \dots M^I \rangle)$: processo de produção, criador de mais valia; $(M^I - D^I)$: validação social da produção; e $(D^I - D^{**})$: depósito bancário e/ou pagamento do crédito.

O surgimento do dinheiro-crédito no sistema permite ainda a diminuição dos custos de circulação das mercadorias e uma maior sincronização entre a produção e a circulação. A diminuição dos custos de circulação ocorre devido à ampliação do poder de compra gerado pelo maior acesso ao crédito por parte dos indivíduos – capitalistas e trabalhadores – o que facilita o processo de socialização da produção.

Uma maior sincronização entre produção e circulação surge, por sua vez, pelo fato do crédito contornar o problema do descompasso entre receita e gastos presentes em um modo de produção descentralizado e com um sem número de estruturas produtivas. Com prazos de produção e comercialização diversos, no que caracteriza a assim chamada “anarquia da produção capitalista”. Assim, o dinheiro-crédito surge como uma forma de anular às defasagens temporais existente entre os prazos de produção e comercialização das diferentes firmas.

Por causa da “anarquia da produção capitalista”, o dinheiro-crédito pode ter outros efeitos sobre o modo de produção capitalista além, como já vimos, do de servir como catalisador do processo de acumulação. A depender dos setores para os quais o dinheiro-crédito flui, profundas implicações podem ocorrer. Se o dinheiro novo flui para setores com capacidade produtiva ociosa, é provável que ocorra de imediato o aumento da produção e, num período posterior, o aumento da capacidade produtiva¹⁷, em nada afetando os níveis de preços.

No entanto, se o dinheiro flui para setores com plena utilização da capacidade é possível, e provável, que os preços no curto prazo se elevem. Porém, no longo prazo, os preços tenderão a se fixar num determinado patamar, como consequência do aumento da capacidade produtiva gerada pelo aumento da demanda, assim como, pela maior margem de lucro auferida em decorrência da elevação inicial dos preços¹⁸.

O dinheiro oriundo do crédito pode, portanto, afetar permanentemente a estrutura produtiva, não sendo por isso neutro. Seja fluindo para setores com tempos de reação diferenciados e possibilidades de crescimento específicas; seja controlando o ritmo e os custos da circulação; seja intensificando ou não o processo de acumulação, o dinheiro tem o poder de alterar irreversivelmente

¹⁷ Para manter certa capacidade ociosa com o objetivo de, entre outros motivos, construir uma barreira efetiva à entrada de novas firmas.

¹⁸ Ver a esse respeito Mollo, M. L. R. (2005) e DeVroey (1984).

a estrutura do sistema produtivo. Evidenciando assim, a sua não-neutralidade tanto no curto quanto no longo prazo.

Outra situação possível na qual o dinheiro pode afetar o modo de produção é na etapa do processo de circulação correspondente a compra dos meios de produção e a contratação de trabalhadores. Nessa etapa, o excesso ou escassez de dinheiro pode afetar de forma definitiva a estrutura da produção. No caso da existência de dinheiro via dinheiro-crédito e/ou emissão de papel moeda em quantidades superiores a requerida para o processo de circulação¹⁹, a demanda por mercadoria tende a se elevar, diminuindo em consequência o hiato existente entre o produto potencial e o efetivo, gerando assim pressões para o aumento dos preços (Shaikh, 1999).

A introdução de dinheiro em quantidade superior à necessária, pode criar distorções nos preços relativos. Uma vez que o dinheiro extra pode fluir para setores que não tem como responder ao aumento da demanda, via aumento da produção²⁰. Seja por operarem com plena capacidade produtiva, seja por atuarem em mercados saturados, incapazes de suportarem em condições vantajosas a ampliação da produção.

Com efeito, a distorção dos preços relativos tem o impacto de induzir o aumento do nível corrente e da capacidade futura da produção, daqueles setores beneficiados pela mudança relativa dos preços. Mesmo que os preços relativos retornem ao nível anterior, o aumento ocorrido da capacidade produtiva não pode ser revertido, sem que se incorra em custos significativos. O que assinala, mais uma vez, a capacidade do dinheiro em afetar permanentemente o modo de produção capitalista, vale dizer, a sua não neutralidade no curto e, principalmente, no longo prazo.

O aumento dos preços pode também afetar o processo de produção. É possível conceber uma situação na qual em decorrência da “anarquia da produção capitalista”, os preços se elevam em certos setores enquanto em outros eles permaneçam constantes ou, até mesmo, em declínio. Desse modo, o custo da manutenção e reprodução dos trabalhadores se eleva, enquanto a mais-valia extraída dos trabalhadores permanece constante ou em queda. Essa

¹⁹ Caso ocorra emissão de papel moeda em quantidade *inferior* a necessária para o funcionamento pleno do processo de circulação, ocorrerá então o entesouramento de uma quantidade de ouro equivalente ao papel moeda emitido; uma vez que o ouro possui valor, por ser uma mercadoria, e o papel moeda não (Germer, 1997).

²⁰ Preferindo assim entesourar o dinheiro excedente, ao invés de gastá-lo em novos meios de produção.

situação delicada em que se encontra o capitalista do setor não privilegiado pelo aumento dos preços - com a sua taxa de mais-valia e sua demanda em declínio -, pode levá-lo a suspender, no curto prazo, parte da quantidade produzida e a modificar, no longo prazo, a composição orgânica do capital e, por esse meio, a estrutura da economia.

É possível também ocorrer problemas no momento da validação social da produção. Para que a economia opere sem “solavancos”, com o processo de circulação funcionando sem maiores dificuldades, é preciso que cada produtor de uma mercadoria em particular consiga vender a sua produção e, em sequência, encontrar para compra o conjunto de mercadorias com os valores de uso que lhe interessa.

Caso em alguma etapa do circuito do capital ocorra um rompimento. Como por exemplo, em decorrência de um desvio da demanda interna para o exterior. Haverá dificuldade em validar socialmente parte das mercadorias produzidas, visto que houve um vazamento de dinheiro para fora do sistema. Assim, mesmo que essa mudança de orientação da demanda se reverta, as suas conseqüências já se fizeram sentir de forma permanente na estrutura do sistema. Como por exemplo, através da falência de certas empresas, mudança na composição orgânica do capital em outras ou, até mesmo, pela mudança na estrutura do mercado.

A última situação, aqui analisada, pela qual o dinheiro é capaz de afetar o sistema produtivo, consiste no momento do pagamento do crédito concedido no início do circuito. Se por algum motivo - aumento dos custos dos meios de produção ou encarecimento das condições de subsistência da força de trabalho, etc. -, a mais-valia reduzir e o dinheiro obtido na socialização da produção não for mais suficiente para quitar o empréstimo realizado, então terá ocorrido destruição de dinheiro e, conseqüentemente, a capacidade de circulação e validação da produção terá sido restringida.

6. À Guisa de Conclusão

A Teoria Marxista caracteriza-se por conceber o modo de produção capitalista como sendo intrinsecamente monetário, no sentido que o dinheiro constitui ao mesmo tempo o objetivo último de todo o processo de circulação e uma pré-condição para o pleno funcionamento de cada etapa desse processo.

Com efeito, mudanças nas formas (funções) do dinheiro não só são uma expressão das transformações ocorridas no sistema capitalista, mas

também, uns dos mais importantes condicionantes da natureza dessas transformações. O dinheiro, assim, surge como uma das principais causas, e também conseqüências, das transformações pelas quais sofre o sistema capitalista.

Desse modo, a evolução da economia capitalista força o dinheiro a sofrer contínuas mudanças na direção de formas (funções) cada vez mais imateriais. A partir da sua forma natural de dinheiro-mercadoria, o dinheiro evolui para a forma de dinheiro-crédito, que permite a intensificação do processo de circulação do capital. Essa intensificação do processo de circulação acaba provocando a fusão entre os interesses do capital industrial e financeiro fazendo surgir o dinheiro-financeiro. Consubstanciado na comunhão de interesses entre o capital bancário e o industrial. Chegando, por fim, na forma atual de dinheiro-fictício, na qual não existe mais uma relação direta entre o valor e a produção.

Contrariamente a TQM, a Teoria Monetária Marxista contesta a concepção na qual o dinheiro não afeta permanentemente o sistema produtivo. Concebendo em oposição a essa visão, uma série de situações pelas quais o dinheiro afeta de forma permanente o modo de produção capitalista.

Caso o dinheiro flua para setores com mercados saturados e/ou com plena utilização da capacidade produtiva, é provável que os preços se elevem no curto prazo e que, num segundo momento, se expanda à estrutura produtiva do setor beneficiado.

O aumento dos preços pode também aumentar os custos de reprodução da força de trabalho. O que implicaria na redução da mais-valia para os setores impedidos de elevar os seus preços na magnitude igual, ou maior, à elevação ocorrida dos seus custos. Tal acontecimento, ao diminuir a capacidade dessas firmas de extrair mais-valia dos trabalhadores, poderia levá-las a falência ou impeli-las a modificarem de forma irreversível a composição orgânica do seu capital. Manifestando assim, a não-neutralidade do dinheiro sobre o modo de produção capitalista.

Referências Bibliográficas

CORAZZA, G. Marx e Keynes sobre dinheiro e economia monetária. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, v. 2, n. 3, 1998.

_____. Dinheiro, Crédito e Finanças: Uma introdução à teoria monetária e financeira de Marx. **Revista Estudos Econômicos**, vol. 32 – n. 4, 2002a.

_____. O dinheiro como forma do valor. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, n. 11, dez, 2002b.

DE VROEY, M. Inflation: A Non-Monetarist Monetary Interpretation. **Cambridge Journal of Economics**. 8, pp.381-399, 1984.

FOLEY, D. K. On Marx's Theory of Money. **Social Concept**. 1(1), 5-19; 1983.

GERMER, C. M. **Dinheiro, capital e dinheiro de crédito - o dinheiro segundo Marx**. Campinas, (Tese de Doutorado), IE-UNICAMP, 1995.

_____. **O dinheiro de crédito e as funções do dinheiro no capitalismo**. Texto preparado para o 25º Encontro Nacional de Economia, da ANPEC, 1997.

_____. **Credit Money and the functions of Money in capitalism**. Paper prepared for presentation at the Fifth Mini-Conference on Value Theory, 1998.

HILFERDING, R. **O Capital Financeiro**. São Paulo: Nova Cultural. Introdução Tom Bottomore, 1985.

LAPAVITSAS, C. The Theory of credit Money: a structural analysis. **Science & Society**, vol. 55, n. 3, 1991.

MALDONADO FILHO. Notas sobre a Teoria Monetária e do Juro de Marx. **Revista Anpec**, Brasília, v. 1, n. 3, p. 55-69, 1998.

MARX, K. **O Capital**, Vol. I, Tomo I. São Paulo, Abril Cultural, 1983.

_____. **O Capital**, Vol. I, Livro I. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1998.

MOLLO, M. L. R. A relação entre moeda e valor em Marx. **Revista de Economia Política**, v. 11, n.º2 (42), abril-junho, 1991.

_____. A Questão da Complementaridade das Funções da Moeda: aspectos teóricos e a realidade das hiperinflações, **Ensaio FEE**, Ano 14, n. 1, Porto Alegre, 1993.

_____. **Ortodoxia e Heterodoxia Monetárias: a questão da neutralidade da moeda**. Textos para Discussão. USP, 2005.

MOSELEY, F. **The Monetary Expression of Labor in the case of non-commodity money**. Mount Holyoke College, 2004.

PAULANI, L. M. Sobre dinheiro e valor: uma crítica às posições de Brunhoff e Mollo. **Revista de Economia Política**. Vol. 14, n.º3 (55), julho-setembro, 1994.

SHAIKH, A. Explaining Inflation and Unemployment: An Alternative to Neoliberal Economic Theory, Andriana Vlachou (Ed.) **Contemporary Economic Theory –**

Luciano Dias de Carvalho

Radical Critiques of Neoliberalism, London and New York: Macmillan Press and St.Martin Press, 1999.

TAVARES, M. C. **Da substituição de importações ao capitalismo financeiro**. São Paulo, Zahar Editores, 1976.

TEIXEIRA, A. L. M. **A Teoria do dinheiro em Marx e suas potencialidades no capitalismo contemporâneo**. Vitória, (Dissertação de Mestrado), UFES, 2002.